



**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

**INTERCÂMBIO ACADÊMICO NO ENSINO SUPERIOR: A PERCEPÇÃO DE
ALUNOS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS**

**INGRID JUNQUEIRA THEISS
RA: 21000990**

**PROFESSORA ORIENTADORA:
MSc. ERIKA LISBOA**

Brasília/DF, 14 de maio de 2014.

INTERCÂMBIO ACADÊMICO NO ENSINO SUPERIOR: A PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Ingrid Junqueira Theiss

RESUMO

O Programa Ciência sem Fronteiras foi criado com o objetivo de desenvolver as áreas de tecnologia no Brasil, através da troca de experiências entre ele os acadêmicos deste país e os de outros países. Desta forma, estudantes brasileiros tiveram a oportunidade de vivenciar um período da graduação, mestrado ou doutorado fora do país para ter experiências em universidades de referência e voltarem para aplicar o conhecimento adquirido. Além de conhecimentos técnicos, a experiência de um intercâmbio proporciona outros tipos de aprendizados que, neste estudo, foram baseados nos pilares da educação definidos pela UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. O presente estudo teve como objetivo geral analisar os aprendizados percebidos por alunos de uma IES de Brasília durante o intercâmbio de graduação através do programa Ciência sem Fronteiras. Para tanto, foi caracterizada como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. Por meio de uma discussão em grupo (grupo focal), os dados foram coletados e percebeu-se que a experiência com este intercâmbio proporcionou aos estudantes a oportunidade de desenvolverem os quatros pilares da UNESCO, além de conhecimentos relacionados ao conteúdo da área de atuação.

Palavras-chave: Ciência sem Fronteiras; pilares da educação; intercâmbio de graduação.

1 INTRODUÇÃO

Com as constantes mudanças e diversos desafios que serão enfrentados no futuro, a educação é vista como indispensável para a adaptação da humanidade e sustentabilidade de seu desenvolvimento harmônico e autêntico. A educação tem o desafio de criar políticas que contribuam para uma sociedade melhor, para a empatia entre as pessoas e para a efetivação de uma democracia (UNESCO, 2010).

A partir de um relatório escrito pela Comissão de Educação da UNESCO, foi abordada uma divisão em três etapas para a educação ao longo da vida: educação básica, secundária e superior, sendo, esta última, de elevada importância para a diversificação e ampliação de oportunidades para qualificações profissionais, elaboração de pesquisas e troca internacional de conteúdos. Sua importância é considerada ainda maior em países em desenvolvimento como o Brasil, uma vez que acredita-se que as instituições de ensino superior (IES) são responsáveis por formar as elites de nível médio e superior, pessoas estas que ajudarão esses países a sair do ciclo de pobreza e subdesenvolvimento (UNESCO, 2010).

As agências Capes (Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) são peças-chave na criação de políticas públicas de educação e pesquisas de ciência e tecnologia, diminuindo a elitização do intercâmbio e gerando oportunidades para todos. Em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), foi criado o Ciência sem Fronteiras, um programa de intercâmbio que oferece bolsas para brasileiros estudarem fora do Brasil. Esta experiência, na visão do governo brasileiro, é de grande valia para o desenvolvimento e aprimoramento da ciência e tecnologia nacionais, criando um cenário mais competitivo e inovador para o país (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2014).

Nessa perspectiva, o presente estudo tem o intuito de identificar os conhecimentos e habilidades que estudantes de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Brasília – DF adquiriram com a experiência de se fazer um intercâmbio durante a graduação pelo programa do governo brasileiro Ciência sem Fronteiras. Para tanto, pretende-se responder à seguinte questão: Quais foram os aprendizados percebidos por alunos de uma IES de Brasília durante o intercâmbio de graduação por meio do programa Ciência sem Fronteiras?

De acordo com Mazza (2009), é importante acompanhar os participantes dos programas de bolsas já que o aumento do fluxo de informações e pessoas trouxe contribuições para alguns grupos de profissionais e gerou inovações culturais a partir dos incentivos públicos. Isso mostra, no âmbito econômico, que esta pesquisa é relevante por se tratar de um programa que afeta diretamente o desenvolvimento econômico do país, por meio da capacitação dos jovens entrantes no mercado de trabalho.

Não só o aprendizado profissional e acadêmico, mas um programa de intercâmbio também proporciona diferentes experiências pessoais ao conhecer novas culturas e até um novo idioma (DALMOLIN, 2013). Socialmente falando, o intercâmbio promove a interação com o diferente e, conseqüentemente, a abertura para novas realidades e o crescimento pessoal do cidadão, criando empatia e respeito às diferenças.

Já em relação à contribuição acadêmica, o estudo também analisará as percepções que os alunos puderam vivenciar na universidade no exterior, podendo servir como instrumento de *benchmarking* para a melhoria do ensino nas instituições brasileiras.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os aprendizados percebidos por alunos de uma IES de Brasília durante o intercâmbio de graduação através do programa Ciência sem Fronteiras.

Para alcançar tal objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: identificar os parâmetros definidos pela Comissão de Educação da UNESCO; abordar diferentes perspectivas do aprendizado oferecido através do intercâmbio; apresentar as características do Programa Ciência sem Fronteiras; caracterizar a Instituição de Ensino Superior estudada; identificar os aprendizados percebidos pelos estudantes da IES e fazer possíveis relações da percepção dos alunos com os parâmetros da UNESCO.

A pesquisa está dividida em fundamentação teórica, onde temas sobre educação, intercâmbio, o programa Ciência sem Fronteiras e a IES serão abordados. Posteriormente encontra-se a metodologia da pesquisa, descrevendo o método de abordagem, a coleta e análise de dados e, por fim, a apresentação e discussão dos dados será apresentada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Relatório Delors

No ano de 2010, a UNESCO publicou o relatório Delors, um documento elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação no século XXI. A comissão afirma que a educação é um meio que proporcionará a diminuição da pobreza, da exclusão social, da desigualdade, repressões e guerras, oferecendo o aprimoramento contínuo das pessoas e sociedade. Com o término de um século conturbado e violento, porém com grande evolução econômica e científica, o novo século surge com a expectativa de esperança, em que todos aqueles interessados se atentam para questões sobre a educação (UNESCO, 2010).

O discurso do relatório Delors é pautado nos ideais da UNESCO de um mundo melhor, que sabe respeitar os direitos humanos, sabe ter empatia e entende que o conhecimento é o que promove a espécie humana. Com base nesses ideais, acredita-se que as principais tensões a serem enfrentadas neste século estão em saber lidar com as diferenças culturais e globais que influenciam o indivíduo, além de conseguir assimilar a concorrência e a cooperação dentro do mesmo ambiente.

A Comissão propõe o conceito de educação ao longo da vida, ou seja, acredita que a educação valoriza as diferentes etapas da aprendizagem, define os momentos de transição e diversifica as escolhas de cada pessoa. Para isso, estabeleceu duas etapas essenciais da educação: ensino básico e ensino secundário. Em termos gerais, o primeiro tem a função de fortalecer a busca pelo conhecimento de uma maneira alegre e divertida, fazendo com que a criança tenha interesse por conhecer. Já o segundo deve preparar o indivíduo para a entrada no mercado de trabalho, com a oportunidade de escolha de talentos a ser desenvolvidos (UNESCO, 2010).

Ainda no contexto de educação ao longo da vida, foram estabelecidos quatro pilares da educação, que representam suas bases: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Aprender a conhecer é o pilar em que o indivíduo se depara com uma variedade de assuntos que o ensinam a aproveitar oportunidades de aprendizado durante a vida. Aprender a fazer é o pilar que desenvolve a competência de solucionar problemas e trabalhar em equipe, tanto por

meio de experiências profissionais, quanto por meio de experiências sociais. Aprender a conviver é o pilar que ensina a empatia e o respeito às diferenças, sabendo gerenciar conflitos. Aprender a ser é o pilar em que o indivíduo desenvolve competências como responsabilidade e autonomia para lidar com diferentes situações, construindo assim, sua personalidade (UNESCO, 2010).

Após a educação secundária, o ensino superior surge com o papel de oferecer especialização em várias áreas de forma contínua para o indivíduo. Dessa forma, acredita-se que os principais resultados obtidos serão a preparação do aluno para pesquisa e ensino e uma formação adaptada à realidade do mercado e da sociedade (UNESCO, 2010).

Partindo de uma perspectiva global e analisando o contexto de forma nacional, para o educador e filósofo brasileiro Freire (1967), a educação no Brasil deveria mudar seu modelo de atuação, uma vez que se mostra ser muito engessada e ingênua. Ingênua porque, segundo o autor, utiliza métodos de ensino de memorização e muita teoria, acarretando na falta de iniciativa e aceitação do que lhe é dito. A mudança é necessária pois o Brasil precisa de pessoas mais críticas e analistas, para que, assim, o país tenha uma democracia de verdade, que busca o desenvolvimento e luta por seus ideais (FREIRE, 1967).

Essa perspectiva surgiu após a Ditadura Militar do Brasil, em 1964, em que Paulo Freire foi exilado e construiu a obra “Educação como prática da Liberdade”. Para o filósofo, a educação do Brasil, baseada na palavra, dificulta o desenvolvimento crítico, a construção de diálogos e o interesse em pesquisas. Outro ponto abordado por ele é a descrença no homem. Isso quer dizer que, no país, existe uma desvalorização do educando, onde não se acredita no poder que as pessoas têm de fazer, de trabalhar e de discutir, o que agrava ainda mais a situação de ingenuidade do povo (FREIRE, 1967).

Diante do exposto, Freire (1967) acredita que a solução para desenvolver o pensamento crítico e a criticidade do brasileiro é implantar outras metodologias como discussões e questões práticas. Segundo o autor, a educação no Brasil precisa passar de verbosa para teórica, ou seja, precisa eliminar a passividade e exposição e estimular, através do conhecimento teórico, a vivência e comprovação da realidade.

Ainda nos dias atuais, segundo Anastasiou (2001), o ensino no Brasil se baseia em um modelo de educação hierárquico classificado como expositivo e

rígido, onde o aluno é passivo e “aprende” através da memorização do conteúdo que será avaliado posteriormente. Na opinião do autor, o professor não possui flexibilidade, por já existir um currículo fixo nas escolas, o que acarreta em uma reprodução dos conhecimentos já existentes, e não uma geração de novos conhecimentos. Ainda afirma que esse modelo de educação se caracteriza como napoleônico, ou seja, o processo que envolve o professor como impositor do conhecimento, o aluno como memorizador e a realização da avaliação, demonstram que o objetivo é “condicionar” o indivíduo.

Contudo, observa-se uma mudança, ainda que pequena, no ensino de graduação, em que alguns cursos implementam metodologias como a elaboração de projetos em grupo, a realização de pesquisas, e atividades que estimulam a discussão na construção do conhecimento (ANASTASIOU, 2001). Dessa forma, acredita-se que o docente e discente são parceiros para a formação de cidadãos qualificados profissionalmente e capazes de resolver os problemas do país.

2.2 O Intercâmbio

Intercâmbio, segundo o dicionário Michaelis (ÁBACO, 2014), significa troca, permuta. No âmbito internacional, esta troca se revela nas relações entre pessoas de diferentes culturas, em que o objetivo é dar e receber informações e experiências, compreendendo a diversidade (PUC– Pontífica Universidade Católica, 2014).

A intensificação da globalização, além da agilidade na troca de informação, que torna os meios físicos desnecessários, impactou diretamente a mobilidade de pessoas e o mercado educacional. Isso porque, a experiência de intercâmbio permite a interação com novas práticas e conhecimentos diferentes que possibilitam o aprimoramento do sistema de educação no país e a criação de novos mercados profissionais (MAZZA, 2009).

Para a PUC (2014), o intercâmbio é uma oportunidade para se obter êxito em uma sociedade globalizada e complexa, em que o cidadão possui comportamentos locais e globais. Em alguns casos, a experiência internacional acadêmica e, às vezes, até a experiência profissional, é considerada necessária para se ter vantagem no mercado de trabalho. Além disso, o intercâmbio acadêmico se mostra importante

não só pela melhoria na educação e mercado, mas também, por construir uma sociedade mais harmônica e menos intolerante. O indivíduo que vivencia esse tipo de experiência tem como resultado uma bagagem maior de valores e de relações que podem agregar de forma positiva aos que estão ao seu redor.

Por outro lado, Mazza (2009) afirma que por ser uma característica diferenciadora no âmbito pessoal, acadêmico e profissional, o intercâmbio produz uma antítese sobre seus resultados, uma vez que constrói fronteiras entre as classes favorecidas pela experiência e as desfavorecidas.

Dentro do contexto de intercâmbio, pode-se definir alguns tipos de troca, como a internacionalização, a globalização e a europeização. Teichler (2004 *apud* JÚNIOR, 2010) afirma que internacionalização diz respeito à mobilidade física e cooperação no âmbito acadêmico, enquanto que, globalização, é o desaparecimento de fronteiras competitivas e troca de conhecimentos no âmbito comercial. Já europeização significa, além de mobilidade e cooperação, a integração de novas situações e experiências vivenciais.

Segundo Damme (2001 *apud* JÚNIOR, 2010), a internacionalização possui algumas ramificações, das quais considera a mobilidade acadêmica uma das mais importantes, classificada em: mobilidade estudantil e mobilidade de docentes. Isso porque, no que se refere a aprendizado e realização de pesquisas, para o autor, quando realizados fora do país de origem, resultam em estudos mais complexos e com visão ampliada, sem a interferência de uma visão viciada e previsível do contexto.

2.3 O Programa Ciência sem Fronteiras

De acordo com o site do programa, o Ciência sem Fronteiras foi uma iniciativa do Ministério da Educação e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, para “promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional” (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2014).

O objetivo é que brasileiros, estudantes de ensino superior e de pós-graduação e pesquisadores, tenham uma experiência na área de tecnologia e inovação e adquiram conhecimentos dos sistemas de educação mais competitivos

no mercado. Ademais, o programa tem o intuito de atrair pesquisadores de outros países para fazer parcerias em pesquisas no Brasil. Para tanto, as instituições dos Ministérios fundadores do programa, Capes e Cnpq, ofereceram, até fevereiro de 2014, cerca de 50.000 bolsas de estudos em graduação, doutorado e pós-doutorado, e pretendem, até o final de 2014, oferecer 101 mil bolsas no total (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2014).

O programa contempla algumas modalidades de bolsas: graduação, tecnólogo, doutorado, pós-doutorado e mestrado profissional. Para ser elegível de participação, o estudante deve preencher requisitos que, no caso da graduação, são: ser brasileiro; estar matriculado em um curso das áreas contempladas pelo programa, ter classificação mínima no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM; possuir bom desempenho acadêmico; ter concluído entre 20% e 90% do currículo do curso; ter a nota mínima de inglês em provas oficiais - TOEFL ou IELTS - de acordo com a universidade escolhida.

De acordo com o governo, das 50.000 bolsas entregues até fevereiro de 2014, o estado com mais bolsistas é São Paulo, com cerca de 21%, seguido por Minas Gerais, com 17,8%. O Distrito Federal está na oitava posição, com 1.822 bolsas concedidas (3,6%), em que 85% destas são para Graduação Sanduíche. Dentre as instituições de origem dos estudantes, 90% vêm da Universidade de Brasília – UnB, com 1.647 bolsas, seguido pela Universidade Católica de Brasília, com 44 bolsas (2,5%) e, em terceiro, pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, com 31 bolsas (1,7%) (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2014).

2.4 A instituição de ensino superior

A Instituição de Ensino Superior que faz parte do objeto de pesquisa é o Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Fundado em 1968 por João Herculino, o UniCEUB tinha como finalidade oferecer cursos noturnos de graduação para os funcionários públicos recém chegados na capital, que não poderiam estudar em outros horários. Durante muitos anos foi conhecido como CEUB, até que, na década de 90, mudou para o seu atual nome por ser conhecido como uma instituição com programas intensivos de extensão e integração com a sociedade (UNICEUB, 2012).

Sua missão é “preparar o homem integral por meio da busca do conhecimento e da verdade, assegurando-lhe a compreensão adequada de si

mesmo e de sua responsabilidade social e profissional”. A instituição acredita que, para exercer sua missão, os valores liberdade, tolerância, ética, solidariedade e responsabilidade social são os norteadores de suas ações (UNICEUB, p. 14, 2012).

O UniCEUB se baseia em três pilares estratégicos: ensino, pesquisa e extensão. Por meio desses pilares, suas áreas de atuação são definidas em três: ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa e investigação científica, extensão e integração comunitária. É um Centro Universitário que possui 24 cursos de graduação e 37 cursos de pós-graduação, com opções de turnos e localidades variados. Também oferece diversas atividades extra-curriculares, que vai desde esportes e cursos de nivelamento até atividades de pesquisa científica e trabalho comunitário (UNICEUB, 2012).

A vertente de pesquisa, da qual faz parte o Programa Ciências sem Fronteiras e outros programas de iniciação científica promovidos pela própria instituição, de acordo com a instituição (UNICEUB, 2014), é uma prática pedagógica que fortalece a formação de alta qualidade dos estudantes, desenvolvendo capacidade crítica na produção e ampliação de novos conhecimentos para a realidade social e profissional.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como descritiva, uma vez que tem o intuito de descrever as características de um fenômeno descobertas através de análise empírica (RICHARDSON, 1999) que, no caso, é a análise da aprendizagem percebida pelos alunos de um programa de intercâmbio, e por analisar dados ou fatos coletados da própria realidade (BERVIAN; CERVO; SILVA, 2007). Além disso, dentro da pesquisa descritiva, classifica-se como uma pesquisa de opinião, já que busca conhecer atitudes e preferências de indivíduos relacionadas ao programa Ciência sem Fronteiras (BERVIAN; CERVO; SILVA, 2007). As técnicas de pesquisa utilizadas serão a bibliográfica, ao buscar informações já publicadas relacionadas ao tema estudado a fim de embasar o conteúdo e relacioná-lo sob uma nova perspectiva; e discussões em grupo (grupo focal), no qual as informações foram apresentadas verbalmente por meio de uma discussão baseada em um roteiro de entrevista com os alunos (LAKATOS; MARCONI, 2003; MALHOTRA, 2011).

Já em relação ao método de abordagem, o estudo é qualitativo, pois pretende-se “entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p.79), por meio de discussões em grupo, identificando os aspectos aprendidos pelos alunos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um roteiro de entrevista não-estruturada, não dirigida, onde há liberdade para o mediador incentivar e orientar os participantes no grupo a falarem suas opiniões e sentimentos (LAKATOS; MARCONI, 2003). Assim, a discussão em grupo (grupo focal) com os alunos pode se basear em um roteiro, porém ser flexível de acordo com as respostas, tendo abertura para avaliar comportamentos e atitudes dos participantes.

Este roteiro contém 19 questões elaboradas pelo próprio pesquisador, baseado no relatório da UNESCO sobre educação, com perguntas sobre as experiências e percepções dos estudantes durante os estudos no exterior.

A discussão em grupo foi realizada e gravada com os estudantes que já retornaram do intercâmbio, na própria instituição, de acordo com a disponibilidade de todos, e teve duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos. As informações e dados para entrar em contato com os estudantes foram fornecidas pela área de pesquisa da Assessoria Acadêmica da instituição.

Para a coleta de dados, primeiramente foi feita a discussão em grupo com quatro estudantes do UniCEUB e, posteriormente, uma entrevista com uma estudante, devido à disponibilidade de cada um. Todos foram contemplados com uma bolsa de graduação pelo programa Ciência sem Fronteiras e, após cerca de um ano (de 10 meses a 1 ano e meio), já retornaram deste intercâmbio.

Dos oito alunos que participaram e já voltaram do intercâmbio, cinco concordaram em participar da pesquisa. Os perfis identificados foram:

Estudante	Sexo	Idade (anos)	País de destino	Universidade de destino	Curso	Período da bolsa (meses)
1	Masculino	25	EUA	University of Alabama - Birmingham	Fisioterapia	10
2	Feminino	22	Holanda	Fontys	Engenharia da Computação	12

3	Masculino	22	Canadá	University of Newfoundland	Engenharia da Computação	15
4	Feminino	22	Holanda	Royal Academy of Art	Comunicação Social	11
5	Feminino	23	Holanda	Radboud	Biomedicina	13

Quadro 1 – Perfil dos estudantes
 Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à análise dos dados, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2010, p.44) é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos à condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Neste caso, foi feita a classificação das falas coletadas na entrevista (método das categorias) relacionando-as com os quatro pilares da educação definidos pela UNESCO. Após a tabulação desses dados, identificou-se algumas percepções em comum dos estudantes sobre essa experiência.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base no relatório da UNESCO (2010), foram perguntadas algumas questões que englobavam características sobre os pilares da educação, além de perguntas sobre as experiências do intercâmbio e características do programa. Os dados apresentados no quadro 2 – Percepção dos estudantes, segundo Bardin (2010), foram classificados em categorias temáticas que, no caso, foram definidas com base nos quatro pilares da educação, para uma análise mais clara das percepções dos estudantes.

Categorias	Frequência de ocorrência	Comentários	
Aprender a conhecer	18	Estudante 1	"Estou dando entrada agora no meu mestrado, focado em pesquisar, quero fazer um monte de coisas."
			"Tinha muita discussão."
			"Muitas matérias lá eu chegava em sala de aula e o professor desde o primeiro dia de aula dava o calendário certinho e dizia "tal dia vai ser tal capítulo, de tal livro". Chegava na aula, todo mundo tinha lido o capítulo."
			"Os caras lá dentro perguntavam o que eu achava do experimento, se eu tinha alguma ideia, quando que eu ia me aplicar pro programa, como eu faria aquela pesquisa."
			"Eu me qualifiquei um ano. Matérias que eu jamais pegaria aqui, convivendo com pesquisas de PhD."
			"Das oito matérias que eu peguei lá, em todas em algum momento eu tive que produzir artigo ou resumos com pelo menos 15 referências."
			Estudante 3
		"Mas lá fora tinham também um nível mais alto de instrução acadêmica e buscavam sempre aprender coisas novas."	
		Estudante 4	"Me deu uma sede muito grande conhecer, porque chegar lá e encontrar pessoas muito boas em assuntos que você nunca ouviu falar, no mesmo curso que você está, e entrar em contato depois com essas práticas e ver que todo mundo lá tá fazendo isso."
			"Você volta com muita sede de fazer de novo, de estudar mais, de fazer aqui."
			"Eles tinham muito de aprender com o colega."
		Estudante 5	"Lá eu realmente tinha que estudar, tanto que eu não passei em duas matérias porque eu estudei em cima da hora."
			"Era muito puxado, e isso fez toda a diferença."
			"Lá o foco era a pesquisa, aqui é muito mais sala de aula. Lá eles valorizam muito a pesquisa."
			"Novas estruturas, novas pessoas, novos lugares, uma língua nova, aprender sua área em outra língua."
"No âmbito acadêmico, minha perspectiva do que eu quero fazer depois mudou muito. De fazer pesquisa."			
Estudante 2	"Quero voltar e fazer meu mestrado PhD."		
	"No estágio que eu fiz o meu chefe pagava cursos pra gente aprender outras coisas, cursos online."		
Aprender a fazer	15	Estudante 3	"Eles aprendem mais na prática. Aqui eles enchem a gente de matéria, durante 10 semestres, e a pessoa sai com muito conteúdo. Lá eles têm a oportunidade de estudar e depois escolher o que vai querer aprender na prática, ainda durante o curso."

			"O cara lá te passava alguma coisa e você tinha que se virar."
		Estudante 4	"Na própria faculdade eles têm essa característica profissionalizante de 'agora você vai ter esse tempo pra trabalhar'."
			"Pra mim foi bom porque eu passei minha faculdade inteira aqui no Ceub fazendo trabalho em grupo e não me sentindo responsável pelos trabalhos que entregava."
			"No caso do meu curso eu achei que lá tem mais atividade prática que aqui e tem mais incentivo a isso."
			"Lá existia essa quarta feira de só atividade técnica, que você botava a mão na massa, a gente quer que você tenha essas habilidades."
			"Realmente a gente tinha que apresentar o negócio pronto, não era só o conceito."
		Estudante 5	"Por enquanto aqui não existe essa profissão de cientista. E lá você vê que é uma área muito grande, muito forte, muito desenvolvida. Com pesquisas sensacionais."
			"Muitas atividades práticas. Em laboratório, fazendo experimentos. A gente trabalhava em laboratórios surreais."
			"Eu fiz estágio na própria universidade, por seis meses. É um instituto, o maior de neurociência da Europa."
		Estudante 1	"Todo mundo trabalhando junto. E sempre desenvolvendo alguma coisa para aplicação no hospital da própria faculdade."
			"Me colocaram pra acompanhar o Athletic Trainer do time de futebol da universidade. A parte de reabilitação de campo ele deixou por minha conta."
			"Me ajudou com o conhecimento clínico, a capacidade de resolução de problemas de pacientes."
		Estudante 2	"Além disso, quando eles pediam um trabalho eles falavam "você vai fazer isso e isso". Não eram que nem aqui onde eles explicam os mínimos detalhes. Você tem que se virar."
			"Lá era obrigatório, todo ano eles tinham que fazer um projeto. E cada ano era uma empresa diferente e um assunto diferente. Eles incentivam muito."
Aprender a ser	15	Estudante 1	"Lá o pessoal quando trabalha em equipe pensa "agora se eu fizer alguma coisa errada eu vou prejudicar todo mundo, e não só a mim, então eu tenho que fazer a minha parte"."
			"Você cria a responsabilidade de que se você não fizer, você é que vai morrer de fome, você que vai ser prejudicado."

			<p>"Geralmente quando você é mais novo você tem essa resistência maior de falar com um desconhecido. Hoje em dia você vai lá e resolve.</p> <p>"Experiência de viver sozinho, não morar sozinho, mas se cuidar mesmo, não ter ninguém ali pra cuidar de você. Saber fazer as coisas sozinho, ser responsável pelas coisas e se você não fizer ninguém mais vai fazer."</p>
		Estudante 2	<p>"Era uma área que eu nem sabia mexer e saí querendo trabalhar."</p> <p>"Conviver com pessoas diferentes, vendo o que você tem que fazer, suas responsabilidades, é bem diferente. Você cria mais responsabilidade."</p>
		Estudante 3	<p>"Eu comecei a tomar gosto pelas atividades que realizava no estágio."</p> <p>"Hoje em dia eu sei administrar a casa."</p> <p>"Eu já viajei, fiz um intercâmbio pra Vancouver, mas fiquei em casa de família. Hoje eu olho e penso "eu não fiz nada, não resolvi nada comparado com agora"."</p>
		Estudante 4	<p>"Eu tive que resolver coisas como a permissão de residência, coisas burocráticas que são complicadas de resolver."</p> <p>"Você tinha que botar sua timidez de lado e falar com aquele indiano que não fala inglês."</p> <p>"Você sente mais firmeza em você."</p> <p>"E no fim, pra mim até as decepções foram boas. Me fizeram uma pessoa melhor, me deixaram mais corajosa."</p>
		Estudante 5	<p>"Me considero uma pessoa mais responsável por ter que correr atrás das coisas e tudo."</p> <p>"Não existe mais dificuldades de fazer amigos, de ser insegura no meio de pessoas que você não conhece."</p>
Aprender a conviver	12	Estudante 1	<p>"Nas matérias da fisioterapia que eu pegava tinha muita interação porque eram matérias práticas, e prática de fisioterapia é um no outro."</p>
			<p>"No mundo da pesquisa era terapeuta com engenheiro, com matemático, todo mundo trabalhando junto, desenvolvendo projeto, equipamentos."</p>
			<p>"Depois de um tempo começaram os conflitos."</p>
			<p>"Fiz irmãos lá fora, com os brasileiros. Tá todo mundo vivendo a mesma coisa, vira uma cumplicidade."</p>
		Estudante 3	<p>"Engenharia tem muito trabalho em equipe, tem que se acostumar desde o início. Mas todos muito profissionais."</p> <p>"Lá eu morei com oito brasileiros em uma casa, no começo era tudo lindo, mas depois de um ano e meio olhando pra cara de cada um todo dia começam os conflitos."</p>

		Estudante 5	"Tinha experiências diferentes todos os dias, pessoas do mundo inteiro, mas era muito bom."
		Estudante 5	"Você conhece uma pessoa nova a cada dia, e cada um tem uma história, e você quer saber de que lugar ela é, em que mundo ela vive, tudo."
		Estudante 5	"No pessoal mudaram as amizades, dar mais valor pros amigos de verdade."
		Estudante 5	"Passei por experiências em viagens e conheci pessoas que eu não tinha ideia."
		Estudante 2	"Você acaba se juntando, se identificando pela experiência. E foi muito bom, até hoje tenho amigos brasileiros que conheci lá."
		Estudante 4	"Eu morava com mais duas brasileiras. Uma eu me dava super bem, mas a outra era muita quieta e fechada."

Quadro 2 – Percepção dos estudantes
Fonte: Elaborado pela autora.

Ao serem questionados sobre o estímulo em aprender, todos os estudantes afirmaram que a vivência na universidade e, alguns, no estágio, os fizeram querer aprender mais. Isso porque, segundo eles, a busca pelo conhecimento já era cultural dos países onde estudaram, em que a discussão e a vontade de conhecer são muito valorizadas. Conforme o relatório Delors (2010), pode-se dizer que este tipo de cultura com a qual os alunos puderam conviver é resultado de uma educação que demonstra atingir os objetivos do pilar "aprender a conhecer", já que os indivíduos são estimulados a ir atrás do conhecimento por conta própria e são recompensados por isso. O fato das pessoas com as quais os estudantes conviveram terem o hábito de resolver os problemas de trabalho sozinhos, fez com que estes brasileiros ficassem mais sensíveis ao aproveitamento de oportunidades de conhecimento.

Em se tratando do pilar "aprender a fazer", infere-se das respostas dos entrevistados que a experiência do intercâmbio na graduação os ajudou a ir atrás dos seus objetivos e a serem mais compreensíveis. O fato de terem que morar sozinhos ou com pessoas diferentes, desenvolveu a capacidade dos estudantes de serem mais independentes e os obrigou a fazer as coisas por conta própria. Além disso, os cinco afirmaram que tiveram aulas práticas na faculdade, desde aulas que eram só atividades práticas até aulas que envolviam teoria e prática juntas. Por exemplo, nas áreas da saúde, os dois estudantes sempre tinham atividades em laboratório, tanto nas aulas quanto nos estágios, com uma infraestrutura de alta tecnologia, o que os estimulava a aprender e fazer coisas novas.

Se comparado ao Brasil, como Freire (1967) afirmou anteriormente, o ensino nas universidades de Birmingham - EUA, Fontys - Holanda, University of Newfoundland - Canadá, Royal Academy of Art - Holanda, e Radboud – Holanda, é mais teórico, ou seja, oferece oportunidades para o aluno desenvolver competências usando a teoria como base e a experiência profissional e prática como adequação à realidade. Portanto, percebe-se a importância que essa experiência tem para desenvolver a competência de "saber fazer", por meio da constante realização de atividades práticas e vivência profissional, além do conteúdo teórico exposto nas aulas. Assim, os estudantes poderão aplicar essa competência em qualquer contexto, tanto social quanto acadêmico.

Os estudantes ainda relataram que, por terem morado em outro país, convivido com culturas e estruturas diferentes durante cerca de um ano, houve alguns conflitos com colegas de alojamento relacionados à limpeza e atividades domésticas em geral. Eles afirmam que os desentendimentos ocorreram no início do intercâmbio, mas que depois de conversarem e delegarem as responsabilidades, os conflitos diminuíram bastante. Pode-se observar, portanto, que a experiência do intercâmbio desenvolveu a capacidade de "aprender a conviver", como sugere a UNESCO (2010). Ao se depararem com situações em que pensavam de formas diferentes, entende-se que os alunos desenvolveram a capacidade de empatia com as pessoas que os rodeavam e a resolver conflitos de forma passiva.

Outra característica relacionada ao relatório Delors (2010) que foi percebida é a de terem "aprendido a ser", ou seja, por meio dessa experiência, se tornaram pessoas mais responsáveis. Na discussão em grupo, os participantes disseram ter adquirido essa competência devido à distância do país de origem, e por isso terem que tomar conta de si mesmos. E não só isso, dois deles afirmaram se sentirem mais responsáveis por estarem representando o país, por terem recebido a bolsa de estudos do programa. Isso demonstra que o programa proporcionou aos alunos a capacidade de formar suas próprias opiniões e conclusões sobre certas situações que, no Brasil, não poderiam vivenciar por ser um ambiente já conhecido. Infere-se que é preciso sair da "zona de conforto" para conhecer novos ambientes e saber como o indivíduo se posiciona diante de novas situações.

Os alunos foram questionados sobre as experiências, tanto profissionais quanto com pesquisas, que tiveram no exterior, e todos eles concordaram que, conforme Mazza (2009) afirma, o intercâmbio é uma oportunidade de conhecer

novas áreas, possibilitando o desenvolvimento da educação e de novos horizontes profissionais. Inclusive, no que se refere ao objetivo do programa Ciência sem Fronteiras (2014), de oferecer a oportunidade para alunos brasileiros aprenderem tecnologias de ponta e estudarem em lugares de referência em pesquisa, percebe-se que o mesmo foi atingido. Isso porque, ao terem contato com novas estruturas de ensino e de trabalho, os alunos puderam conhecer atividades e instrumentos que nunca tinham visto antes, o que possibilita o desenvolvimento de tais tecnologias ao voltarem para o Brasil e a consolidação de diferentes áreas de atuação no mercado.

Porém, em se tratando da ampliação das áreas profissionais e do desenvolvimento da educação no Brasil, percebeu-se que os alunos não concordam que isso poderá ocorrer. Acreditam que a infraestrutura do país não oferece oportunidades para pesquisas e, por enquanto, o país ainda não está aberto a algumas áreas, justamente por não estar tão desenvolvido nelas. Por exemplo, na área de Engenharia da Computação, os dois estudantes relataram que a principal área em que podem trabalhar no país é a de programação, enquanto que, no exterior, há espaço para telecomunicações, banco de dados e até desenvolvimento de equipamentos da área médica. Neste sentido, o que ocorreu foi o desnivelamento entre a realidade vivida pelos estudantes no exterior e os objetivos/expectativas do governo quando os mesmos retornaram ao país. Os alunos puderam usufruir de estruturas avançadas e o governo brasileiro não deu indícios de desenvolvê-las no país de origem.

Em relação ao programa de bolsas, as perguntas se referiam tanto para características do Ciência sem Fronteiras, quanto para outros tipos de programa em geral. Os cinco estudantes concordam que um programa de bolsas estudantis é relevante para incentivar o estudo no exterior e que o governo brasileiro tomou uma atitude importante com a implementação do programa, pois a maioria da população não tem condições financeiras para estudar no exterior por conta própria. Um dos estudantes comentou que achou positiva a iniciativa do governo, mas acredita que esse tipo de investimento deveria ser feito na infraestrutura e desenvolvimento tecnológico dentro do país.

Entretanto, todos eles acreditam que o programa possui alguns problemas de execução, entre eles: o processo de seleção dos estudantes na prática foi diferente do escrito no regulamento, em que alguns requisitos foram desconsiderados e os alunos ainda assim recebiam a bolsa; a comunicação do Cnpq com os estudantes

durante o intercâmbio foi precária, e o maior suporte foi dado pela universidade de destino; a fiscalização das notas e matérias cursadas não foi feita adequadamente e, em alguns casos, pessoas foram reprovadas e nada foi feito de acordo com o edital.

Outro ponto relatado foi que, após o retorno dos estudantes para o Brasil, o reconhecimento do mercado pelo fato de terem participado do programa não chama muito a atenção no currículo. Na percepção dos estudantes, a diferença está no momento em que eles começam a relatar a experiência e aprendizados obtidos durante esse período. Porém, para um dos alunos, que agora tenta fazer mestrado em Brasília, o programa no currículo foi o diferencial para conseguir ser selecionado na primeira etapa. Assim, percebe-se que no Brasil o mercado ainda é fechado para a realização de pesquisas científicas, ou seja, falta a valorização fora do âmbito acadêmico sobre a importância dessa forma de construção de conhecimento.

Para os estudantes, o fato de não terem grandes resultados profissionais e acadêmicos após voltarem para o Brasil, fez com que todos tenham a pretensão de voltar ao país em que estudaram no programa para estudar e fazer alguma especialização, ou para trabalhar na área de interesse. Eles concordam que, para que o programa Ciência sem Fronteiras traga o resultado esperado, de desenvolvimento tecnológico e a realização de mais pesquisas científicas, o governo brasileiro deveria ser mais ativo quanto ao incentivo dessas ações após o retorno do estudante. Pode-se dizer que o programa não está conseguindo reter os estudantes e atraí-los para desenvolver as tecnologias aprendidas no exterior, no Brasil. O que está acontecendo é o oposto do esperado, onde os estudantes não criam uma expectativa de crescimento dentro do país e planejam a continuação de seu crescimento profissional no exterior, após concluírem a obrigatoriedade do programa de não sair do país pelo mesmo período que estudaram fora.

Já no que se refere ao papel do UniCEUB no envolvimento no programa, entende-se que ainda seja menor do que o esperado pelos alunos. Isso porque, na opinião deles, a instituição poderia participar mais ativamente, com divulgações intensivas e programas de incentivo à participação destes alunos em pesquisas. De acordo com o UniCEUB (2014), a pesquisa possui um papel estratégico na formação de qualidade dos estudantes, gerando resultados positivos para a sociedade. Portanto, é interessante que essa oportunidade seja aproveitada pela instituição para que a área de pesquisa possa crescer e gerar os resultados esperados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar os aprendizados percebidos por alunos de uma IES de Brasília durante o intercâmbio de graduação através do programa Ciência sem Fronteiras, já que procurava conhecer o que essa experiência trouxe de aprendizado para os alunos participantes do programa de intercâmbio.

Pôde-se responder o problema de pesquisa: quais foram os aprendizados percebidos por alunos de uma IES de Brasília durante o intercâmbio de graduação através do programa Ciência sem Fronteiras?, uma vez que os objetivos específicos foram alcançados, são eles: identificar os parâmetros definidos pela Comissão de Educação da UNESCO; abordar diferentes perspectivas do aprendizado oferecido através do intercâmbio; apresentar as características do Programa Ciência sem Fronteiras; caracterizar a Instituição de Ensino Superior estudada; identificar os aprendizados percebidos pelos estudantes da IES e fazer possíveis relações da percepção dos alunos com os parâmetros da UNESCO.

Na percepção dos alunos, eles aprenderam a conhecer, por meio da realização de atividades de pesquisa diferentes do Brasil e incentivo à leituras e discussões, exercitando a pró-atividade na busca pelo conhecimento. Aprenderam a fazer, por meio de ações práticas tanto individuais como em equipe, com o suporte de estruturas compostas por tecnologia de ponta durante o curso e, também, com a experiência de morarem sozinhos. Aprenderam a conviver, ao lidarem com conflitos em sala de aula ou com colegas de quarto, além de conhecerem diferentes realidades e culturas. Aprenderam a ser, lidando com situações de responsabilidade, independência, construindo sua personalidade e definindo interesses profissionais. Estes estudantes tiveram a oportunidade de conhecer novas tecnologias e estruturas de pesquisa, identificando a importância da pesquisa científica. Por fim, também aprenderam conhecimentos técnicos de suas áreas de atuação.

Outra conclusão relevante foi em relação às percepções dos alunos sobre o programa Ciência sem Fronteiras. De acordo com a entrevista, nota-se a insatisfação nos processos de seleção, comunicação e fiscalização dos órgãos responsáveis para com os estudantes que estão no intercâmbio. Neste quesito, a atuação da IES deveria ser fundamental, oferecendo este suporte. Ao disponibilizar

cerca de 50.000 bolsas de estudo, sabe-se que o suporte oferecido pelo Cnpq e Capes é insuficiente e que, por existir essa deficiência, o UniCEUB conseguiria, ao menos, ajudar o programa no que diz respeito ao alcance de seus objetivos. Uma das formas de auxílio seria uma divulgação mais intensiva e capacitação de profissionais para sanar as dúvidas dos estudantes interessados. Outra forma seria a recepção desses alunos ao voltarem do intercâmbio, oferecendo oportunidades de pesquisa na área de atuação, já que a instituição possui o interesse estratégico nesta área e o próprio Programa do governo pretende gerar como resultado o desenvolvimento de novas tecnologias por meio de pesquisas.

O estudo teve como limitações a dificuldade para acessar os dados dos participantes e realizar as entrevistas, em que o projeto teve de ser primeiramente aprovado pelo Comitê de Ética para, então, obter-se as informações necessárias. Além disso, houve uma demora para reunir todos os entrevistados em um único momento, já que a coleta de dados foi feita por meio da discussão em grupo (grupo focal).

Para a agenda futura, recomenda-se a realização da pesquisa quantitativamente, com estudantes do UniCEUB que ainda estão participando do programa, para que se tenha um resultado mais significativo sobre os aprendizados que o programa proporciona.

REFERÊNCIAS

ÁBACO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>>. Acesso em: 28 mar 2014.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Metodologia de ensino na universidade brasileira: elementos de uma trajetória*. 2001. Disponível em: <http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1216/Modelos_historicus.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERVIAN, Pedro Alcino; CERVO, Amado Luiz; SILVA, Roberto da. *Metodologia Científica*. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS (Org.). *Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras*. 2014. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

DALMOLIN, Indiará Sartori et al. *Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico*. Rev. bras. enferm. [online]. 2013, vol.66, n.3, pp. 442-447. ISSN 0034-7167.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MALHOTRA, Naresh. *Pesquisa de Marketing: foco na decisão*. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

MAZZA, Débora. *Intercâmbios acadêmicos internacionais: Bolsas CAPES, CNPQ e FAPESP*. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 137, p. 521-547, 2009.

PUC– Pontifícia Universidade Católica. *Intercâmbio: conceito, importância e experiência*. 2014. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/dre/intercambio/>>. Acesso em 23 mar 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA JÚNIOR, José Maria de. *A internacionalização e a mobilidade na educação superior: o debate na América Latina*. 2010. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/345/376>>. Acesso em 10 abr 2014.

UNESCO. *Educação: um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília, 2010.

UNICEUB. *Demonstrativo Social*. 2012. Disponível em: <<http://www.uniceub.br/media/211584/2013.pdf>>. Acesso em 23 mar 2014.

_____. 2014. Disponível em:

<<http://uniceub.br/institucional/pesquisa/pesquisa.aspx#c>>. Acesso em 28 mar 2014.